

ESCREVER É PRECISO: Memórias e Histórias da Obra do Professor Mario Osorio Marques

Tania Maria Hetkowski¹
Valeska Maria Fortes de Oliveira²

RESUMO

Estávamos no ano de 1996, segunda turma do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), cidade de Ijuí-RS, cercados por muitas expectativas e sonhos que viriam transformar vidas, e percursos de docentes e discentes no caminho e na arte de pesquisar e ser pesquisador(a). Conhecer, conviver, aprender e compartilhar momentos únicos com o professor Mario Osorio Marques, “Nosso Gigante”, nos remete a destacar neste ensaio-memória a obra *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*, nascida em 1996 e publicada pela primeira vez em 1997, a qual iluminou a vida de duas professoras, que transformaram as aprendizagens construídas na Unijuí, em itinerários profícuos na/pela pesquisa, na criação e composição de muitos escritos e na formação de algumas centenas de novos pesquisadores(as) na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e na Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Destacamos as ressonâncias e o reconhecimento da vida e das obras de Mario Osorio de sul a norte deste imenso país.

Palavras-chave: Mario Osorio Marques; Legado Escrever; Pesquisa.

WRITING IS NECESSARY:

MEMORIES AND STORIES FROM THE BOOK BY PROFESSOR MARIO OSORIO MARQUES

ABSTRACT

We were in the year 1996, second class of The Graduate Program Education in the Sciences / PPGEC, Northwest Regional University of Rio Grande do Sul / UNIJUI, city of Ijuí/RG and, surrounded by many expectations and dreams that would transform the lives and paths of teachers and students, on the way and in the art of researching and being a researcher. Knowing, living, learning and sharing unique moments with professor Mario Osorio Marques, “Our Giant”, reminds us to highlight in this essay-memory the work *Writing is Necessary: the principle of research*, born in 1996 and first published in 1997, which illuminated the lives of two teachers and who transformed the learnings built at UNIJUI into fruitful itineraries in/by research, in the creation and composition of many writings, in the formation of a few hundred new researchers at the Federal University of Santa Maria/UFSM and at the State University of Bahia/UNEB. We highlight the resonances and recognition of the life and works of Mario Osorio from south to north of this immense country.

Keywords: Mario Osorio Marques; Legacy; Writing; Research.

Submetido em: 5/2/2025

Aceito em: 14/3/2025

Publicado em: 30/7/2025

¹ Universidade do Estado da Bahia – Uneb. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5793-7898>

² Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Santa Maria/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8295-1007>

INTRODUÇÃO

Para Mario Osorio Marques, “no ato de escrever sinto-me dono de meu próprio texto. (...) Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou do meu alcance” (2006, p. 27). Assim, sua obra *Escrever é preciso: princípios da pesquisa* ganhou o mundo e se emancipou, vive entre os mais distintos cenários e palcos, com diferentes pesquisadores/as e professores/as, e entra em cena nas salas de aula, nas bancas de defesas de estudantes de Graduação e Pós-Graduação, nas tessituras às novas práticas de se fazer pesquisa e na composição de escritas mais subjetivas e criativas.

Essa obra é uma aventura criativa que, além de possibilitar ao autor explorar e transformar o mundo de forma solidária e esperançosa através do ato de pesquisar, também é uma base científica aos pesquisadores/as para organizarem e comunicarem suas ideias e achados da pesquisa, demonstrando que a escrita permite um diálogo entre o autor e o leitor, possibilitando processos dialógicos e formativos às comunidades acadêmicas e para além delas.

Escrever é preciso é uma leitura essencial àqueles/las que desejam compreender as dimensões humanas no ato de pesquisar e de escrever, reforçando a máxima de que a escrita traz, em seu âmago, potencialidades singulares e (re)constrói histórias, narrativas, espaços e horizontes de esperanças para muitas vidas. A memória que a obra nos delineia é a de que escrever é um ato de criação, reflexão e descoberta, que transforma os processos de aprender, de ensinar e de ser. Assim como esta obra nos inspirou como professoras-pesquisadoras, poderá inspirar tantas outras gentes com as quais convivemos, que conhecemos, que nos relacionamos e que nos ensinaram sobre as coisas do mundo. Aprendemos, no decorrer destas últimas três décadas, que ensinar se faz com amor, humildade, ética, rigurosidade e temperança.

Este ensaio-memória tem como intencionalidade narrar nossas memórias como comparsas, discípulas, mulheres, pesquisadoras, professoras, orientadoras e defensoras do legado e da história de Mario Osorio Marques, pois foi ele quem nos cativou a trabalhar academicamente com generosidade, com escritas de vidas, com histórias de gentes, com amorosidade nas orientações, com respeito às subjetividades e às diferenças, com orgulho de nossas conquistas, trajetórias, itinerâncias e histórias de vida. Ao nosso gigante, podemos proferir: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (Saint-Exupéry, 2013). E tu és responsável pela nossa forma de ser, de compreender a pesquisa e de escrever. Você sempre será nosso mestre e nossa inspiração!

NAVEGAR É PRECISO: O LUGAR DA JOVEM PROFESSORA-PESQUISADORA

Esse foi sempre um princípio que acompanhou meu trajeto pessoal e acadêmico, quando conheci o professor/pesquisador – como se autodefinia Mario Osorio Marques. Em 1989 tive o prazer de tê-lo como um dos avaliadores da minha dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. O nome deste gigante –

na época, Frei Matias –, era mencionado por minha mãe, que havia sido professora da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/ Fidene, pois ele foi uma das pessoas que lhe acolheu. Admirava Mario Osorio Marques, o ex-Frei Matias, sem conhecê-lo, e percebi, no processo de defesa, que se tratava mesmo daquelas pessoas que encantavam públicos ao usar a palavra. Usou do seu lugar de fala para convocar as pessoas presentes à tarefa coletiva de um pensamento e uma educação emancipatória, tema do meu trabalho. Na época, eu estava me desligando da rede metodista de ensino e era professora da rede estadual na cidade de Júlio de Castilhos, quando fui convidada para realizar uma palestra na cidade de Ijuí, no espaço da Unijuí, e tive a oportunidade de estar mais perto de um amigo que vivia entre os livros, coordenando a Editora. Publiquei meus primeiros artigos acadêmicos nas Revistas da Unijuí. Descobri algo em comum ao conviver com Mario Osorio – gostávamos de escrever com lápis, antes de chegar à facilidade da escrita com o computador.

Em 1993, comecei a atuar como professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e, mesmo realizando meu Doutorado, iniciado em 1991 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), já tinha um grupo de quatro mestrandas como orientandas na UFSM. Em 1996, iniciamos uma pesquisa em rede com a Unijuí, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a Universidade de Cruz Alta (Unicruz), a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e, neste período Mario Osorio se constituiu nosso mentor. Levávamos várias pessoas que vinham ao Rio Grande do Sul para participar de bancas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, em forma de parceria entre os programas, para conhecer a Unijuí e a lenda Mario Osorio Marques. Essa pesquisa, que caminhou pelas histórias de vidas de professores e professoras ouvindo suas significações imaginárias sobre a docência e a escolha da profissão contou também com a consultoria externa de Denice Barbara Catani, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), que também trouxemos até a Unijuí para um seminário integrador e avaliador da pesquisa. Esse projeto em rede, apoiado pela Coordenação Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi transformado em uma obra coletiva intitulada *Imagens de professor: significações do trabalho docente*, publicado pela Unijuí em duas edições.

Concluí meu Doutorado na Faculdade de Educação da UFRGS no ano de 1995, com a orientação da professora doutora Marisa Faermann Eizirik, outra gigante com quem tive o privilégio de conviver e quem me ensinou a ser também orientadora. Orientei duas dissertações na Unijuí no campo teórico de Michel Foucault, autor que ganhei elegendo o campo da subjetividade e poder, temática da minha orientadora na UFRGS. Então, como a vida dá muitas voltas e produz encontros alegres, Mario Osorio Marques também acabou sendo acolhido pela outra gigante, Marisa Eizirik, e realizou sua defesa de produção com uma banca especializada para o reconhecimento de doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim, continuamos publicando pela Editora Unijuí.

Conheci muitos pesquisadores do país e alguns estrangeiros a convite de Mario Osorio Marques. Mobilizei, no Programa de Pós-Graduação em Educação, a obra *Escrever é preciso*, sendo que, em mais de um processo seletivo de ingresso no nosso PPGE, esta foi a obra indicada para a realização da prova escrita. Mobilizei essa obra como um dispositivo em processo de orientação para escritas que eram bloqueadas por processos subjetivos de orientados e acabava por compreender cada vez mais, o processo de escrita de Mario Osório, aprendia enquanto escrevia e não é por acaso que nosso gigante trouxe também na obra “Escrever é Preciso”, um diálogo com a psicanálise, pois bloqueios na escrita precisam, também, de dispositivos outros para a recomposição do processo de cura. A escrita, nesse sentido, funciona como processo terapêutico. Nossa inscrição como grupo que também se referencia no campo autobiográfico, onde a escrita de si é um processo autoformativo, teve a obra do nosso gigante sempre como um dispositivo. Essa foi uma das maneiras pelas quais mobilizei a obra nas orientações de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (Gepeis), do qual sou coordenadora há 30 anos, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Escrever também para se autoconhecer e poder mobilizar uma escrita autoral.

“Outros pensadores são convocados na escrita, provocados pelo tema pesquisado, em um processo que invoca outros pensamentos, produções e diálogos, produzindo novas aprendizagens. Pesquisar sempre, processo de contínuas aprendizagens” (Marques, 2006). Escrevia para pesquisar. Escrevia para reconstruir e ampliar aprendizagens. Princípios que mobilizaremos juntas neste texto de recordações-referências (Josso, 2002), alicerçadas na memória afetiva, mas também autoformativa para duas pesquisadoras.

NAVEGAR É PRECISO: O LUGAR DA PESQUISADORA-PROFESSORA INICIANTE

Na década de 90, moradora de uma pequena cidade do interior de Santa Catarina, fui me aventurar para as bandas do Noroeste do Rio Grande do Sul, em Ijuí, à procura de uma oportunidade, um espaço, um lugar e por alguém que acreditasse no meu potencial de estudante e pesquisadora iniciante. Realizei o processo seletivo e, nessa ocasião, conheci o professor-pesquisador Mario Osorio Marques: senhor discreto, sorridente, alto-astral, simpático, hospitaleiro e sempre comendo suas cenouras cruas, as quais eram oferecidas para todos os presentes. Jamais imaginaria que sua presença na minha vida acadêmica pudesse transformar minha forma de fazer pesquisa, de escrever, de ser professora e de pensar em um outro mundo possível por meio da educação. Assim, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências/PPGEC e contemplada com a orientação deste grande mestre.

Sendo sua orientanda, acompanhei sistematicamente a escrita e o desenvolvimento da obra *Escrever é preciso: princípios da pesquisa*, de Mario Osorio Marques, que, em todos os encontros de orientação, meu querido mestre orientador lia as páginas

e capítulos que acabara de escrever. O computador e as possibilidades de um novo formato de escrita, agora com os dez dedos, como ele mesmo falava, desencadeava o encantamento pelas tecnologias digitais e pelas possibilidades de escrever, ler, reler, reescrever tantas vezes quanto fosse necessário. “Com o computador foi namoro à primeira vista, melhor, ao primeiro toque. Como a folha em branco e mais que ela, o computador me excita, impele ao escrever” (Marques, 2006, p. 32).

Assim, acompanhei a fazedura de toda a obra e, com certeza, fui a primeira pessoa a ouvir toda sua escrita. Ainda lembro de detalhes de onde meu mestre se sentava, minha cadeira do seu lado, o computador monocromático à sua frente e, ao nosso redor, obras em processo de publicação, pois este espaço generoso e frutífero ficava na Editora Unijuí, na cidade universitária, na Rua do Comércio, 3000, próximo do pequeno apartamento onde eu morava, o que me proporcionava ir e vir todas as semanas para estas escutas deliciosas e aprendizagens que trago no meu coração. Foram aprendizagens de sabedoria, humildade, generosidade e solidariedade. Grande Mario Osorio! Hoje, quando falo deste gigante, apresento-o aos meus alunos como sendo um jovem pesquisador que quando conheci já tinha mais de 70 anos de idade.

Seus olhos brilhavam em cada folha que lia, e eu ouvindo-o, ainda pouco entendia, pois estava em busca de orientação para minha dissertação, mas sua leitura e empolgação me fascinavam e me conduziam a muitos lugares e desejos de escrever. Ele sempre repetia: escrever é preciso, e quanto mais você escreve mais os dedos ficam “com comichão” para voltar à tela e colocar o que você está pensando. Escrever é um vício, e um bom vício. Na minha imaturidade epistêmica e, mais ainda, na minha inexperiência e dificuldade em escrever textos acadêmicos, essas palavras soavam como desafios, e me incentivavam. Mobilizada pelas suas escritas e pelo seu deleite no processo de escrever, comecei soltar tudo o que estava dentro do meu coração, pois eu precisava despertar o desejo tolhido de escritora imatura. Então, comecei a escrever textos sobre as histórias de minha infância, da minha família e de minha trajetória e, mais tarde, passei a compor escritos que iriam tecer meu objeto e trabalho de Mestrado.

Na introdução deste livro, elaborado e cuidadosamente bordado para auxiliar os estudantes ingressantes no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, nosso guru destaca três motivações para compor e escrever os capítulos dessa obra: “a primeira de minhas aprendizagens: a de que o tive, meu leitor, sempre presente numa presença não apenas suposta, mas real e efetiva, tanto mais exigente quanto mais calada, à espreita” (Marques, 2006, p. 11). Meu primeiro leitor, meu orientador e meu incentivador foi sempre presente, com suas leituras e a partilha de como escrever a composição de uma obra – real, efetivo, afetivo e nada calado –, mas presente e exigente na sua sabedoria e na sua exigência serena, subjetiva e forte, porque eu era a mestranda, e ele meu guia, estava na espreita da minha produção acadêmica, que deveria ter um começo, um título, uma hipótese e muitos interlocutores invisíveis, imprevisíveis e virtuais. Assim, foi crescendo a tessitura da obra de Mario Osorio e, timidamente, a composição da minha dissertação de Mestrado. Éramos comparsas, como meu mestre

me denominava; estávamos como dois adolescentes: um descobrindo o amor pelas tecnologias digitais e a comichão nos dez dedos, e o outro aprendendo a arte de tecer, bordar, arrematar, socializar e compor uma primeira escrita.

Se para Mario Osorio “Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também” (Marques, 2006, p. 15), para jovens pesquisadores/as o começo da escrita gera sofrimentos e angústias, porque durante a vida escolar aprendemos que a leitura e a escrita deveriam ser penosas, fatigantes, memorizadas, engessadas, tristes e sem vida. Meu mestre, no entanto, incentivava e (de)mostrava que escrever é iniciar uma conversa, um convite à interlocução e ao “ajuntamento” de gentes, de ideias, de descobertas e de invenções e, por isso, segundo ele, a ideia do começo deve ser sem medos ou receios, pois permitem a presença das metáforas, literaturas, poesias, prosas, paixão e vícios que se empenham em tecer o tempo como “pastoso, algo que se espicha ou comprime como se quer, que se amolda a nossos amores” (1997, p. 17). Escrever é se entregar aos bons pecados, como nos diz a autora e pesquisadora Ana Maria Netto Machado³.

Mas voltemos à segunda motivação de Mario Osorio para escrever a obra: “foi a constatação de que era frutífera minha hipótese de que o maior desafio da escrita é o começá-la; no seu todo e em cada uma de suas partes. Uma hipótese, aliás, fundamentada em prática já espichada. Isso porque só escrevendo se escreve” (2006, p. 11). Para nosso gigante, não se deve pensar para escrever, mas escrever para pensar, ou seja, “assunto puxa assunto, conversa puxa conversa, escrever puxa leituras que puxam o reescrever” (2006, p. 12). Assim, o “assunto” da dissertação já incitava novas conversas e novas leituras que embasariam as novas práticas da escrita para a composição e delimitação de um tema, dos objetivos e das formas possíveis e potenciais para iniciar caminhos, caminhando. Foram momentos muito especiais, os quais me permitiram dialogar com meu orientador sobre “os medos e encantamentos” que as tecnologias digitais vinham proporcionando junto aos professores, alunos, pesquisadores e escritores. Essas prosas me conduziram à delimitação do que, mais tarde, eu chamaria de “O computador na escola: entre medos e encantamentos”, título da minha dissertação, publicada pela Editora Unijuí em 1997.

Na composição do meu texto, entendi e vivi a terceira motivação de Mario Osorio:

de que não se pode confundir o escrever com a escrita, a ação com a obra finalizada. A obra da escrita, como esta que agora lhe chega às mãos, carrega consigo o fim dos tempos da criação e induz efeitos de poder nem sempre submissos aos dinamismos da razão críticocriadora” (2006, p. 11-12).

A ação criadora da escrita perpassa pelo incansável exercício de ler o que escrever, reler muitas vezes para polir, consultar o “pai dos burros”, abrir novos horizontes, perder

³ Ana Maria Netto Machado (<http://lattes.cnpq.br/8820677756886749>), ainda jovem professora da UFGRS, foi orientadora de Mario Osorio Marques e, dentre centenas de publicações, escreveu um texto inspirador denominado “Pânico da folha em branco: para entender e superar o medo de escrever”, que compõe a Obra *A bússola do escrever: princípios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*.

os medos e fazer desse exercício um vício, um trampolim para a imaginação e para buscar novos interlocutores, ou seja, “escrever se faz assim forma de vida consciente, reflexiva, aberta sempre a novas aprendizagens” (2006, p. 12). Isso nos remete a buscar validação discursiva e certificação social da comunidade argumentativa em obras, conceitos, ideias, provocações e citações na ação criadora à composição da escrita.

Mas o que aconteceu após acompanhar a escrita da obra de Mario Osorio e finalizar minha dissertação? A primeira afirmativa é a de que “Nosso Gigante” vive todos os semestres na minha vida e na de meus estudantes. Realizei Doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), alguns Pós-Doutorados e, junto ao meu Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Geotec), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), realizamos algumas centenas de projetos, programas, ações, atividades e pesquisas junto às escolas públicas de Educação Básica e em inúmeras outras comunidades que demandam atenção, acolhimento, estudos, resoluções de problemas e composição de escritos. Desde 1998 trabalho com disciplinas sobre metodologia da pesquisa, seminários de pesquisa, fóruns de pesquisa, pressupostos metodológicos e projetos de pesquisa, e a obra companheira, junto às minhas turmas, é “Escrever é preciso”, a qual traz conforto para cada pesquisador iniciante, ou mesmo aos iniciados, pois reduz os medos e anseios sobre projeto, objeto, delimitação, bases teóricas e outras exigências para os níveis de formação no Mestrado e no Doutorado.

Meus parceiros/as estudantes e colegas, ao conhecerem, iniciarem a leitura e se debruçarem nesta obra, ficam envolvidos e cativados, em especial quando Marques afirma que “deveria haver para a escrita algo como a conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado” (...). Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar” (2006, p. 14). Essa provocação na obra, além de outras reflexões, prosas, conversas, diálogos e pensamentos de Mario Osorio, amenizam as angústias e as pressões geradas pela academia na elaboração de trabalhos de conclusão de curso, no ato de escrever e de soltar a imaginação criativa nas suas escritas.

NAVEGAR É PRECISO E ESCREVER TAMBÉM...

Pensar escrevendo era o exercício de pesquisa de Mario Osorio Marques, e foi, talvez, uma das hipóteses mais criativas que ele desenvolveu a partir de um método próprio. Pensava escrevendo, e buscava seus interlocutores na pesquisa que abria a partir de um tema. A curiosidade como princípio, de mãos dadas com o desejo, que apresenta mundos e territórios, até então desconhecidos, produzindo o êxtase de articular pensamentos, estabelecer relações, pensar com liberdade de expressão.

É o tipo de livro que gostaria de ter continuado escrevendo, pois estava mais próximo do que busco agora, a saber: entendo o ato de escrever como impulso vital por onde se libertam as forças do espírito e chegar a fazê-lo expressivo de minha singularidade criativa. Esse, de fato, meu problema existencial à busca do auto-esclarecimento (Marques, 2006, p. 20).

O encontro da singularidade criativa com a busca do autoesclarecimento produziu um movimento potente na escrita, na pesquisa, se constituindo numa hipótese de trabalho, fazendo parte, como disse Marques (2006, p. 23), “da questão do começo”. Nosso gigante, contudo, reconheceu que “A criatividade não é bicho que se agarre; ela surge de inopino, nos interstícios, nos sonhos da imaginação vagamundos, de forma que, quando menos se espera, escrever é preciso” (2006, p. 17).

Temos nos deparado, como pesquisadoras nos espaços acadêmicos, com o (re) conhecimento de escritas baseadas numa tradição cultural arcaica, com “referencial teórico muito bem articulado e coerente, mas ainda vazio, pairando nas nuvens” (Marques, 2006, p. 20). A aprendizagem realizada por muitos(as) professores(as) que procuram nossos programas de Pós-Graduação, como formação continuada para a pesquisa, mostra, seguidamente, modelos duros, escritas sem sujeitos que pensam criativamente, sendo provocados pelas questões do tempo e do cotidiano a partir de comunidades argumentativas. Compartilhamos com a opinião de Oliveira e Silva, quando estes apontam que

Investigações em excesso já foram realizadas nos ambientes educacionais, considerando os contextos, as pessoas, como objetos de estudo, numa racionalidade técnica, desprezando intensidades da ordem da aprendizagem do sensível. Talvez tudo isso responda por que os ambientes investigados se tornam refratários e defensivos aos resultados e propostas das pesquisas, que acabam por não auxiliar as pessoas envolvidas a transformarem suas realidades (Oliveira; Silva, 2016, p. 46).

Nos sonhos da imaginação vagamundos, o imaginário se constitui motor no processo de investigação, e tem o sentido de exercitar atos de criação, experimentações criativas – eventos e encontros de compartilhamento de saberes e sensações que nos implicam em experiências autoformativas. O sentido de exercitar atos de criação, por meio de uma postura acadêmica conduzida pela curiosidade – pode-se dizer, por um urgente e renovado espírito científico – como já dissera Bachelard (1986), na perspectiva de que este espírito parta de novos pressupostos epistemológicos, exercendo-os numa atividade que é mais do que produção de conhecimento, mas, também, uma estética de criação. Segundo Marques, “Meu outro lugar será o do imaginário, terreno no qual todos facilmente nos encontramos e no qual buscarei perceber a intercorrência dos sentidos que assume o ato de escrever” (2006, p. 22).

Reconhecendo no paradigma ético-estético, preconizado por Guattari (1993), ou político-estético, que busca a na proposição diversas áreas, campos e práticas à problemática da criação ética e da recriação política indivisas, pois instaura um novo modo de pensar a escrita e de pensar como escrever.

O escrever deixa, então, de ser uma relação de inculcação de ideias e estados anímicos, para se tornar uma articulação de parceiros procedendo por alianças e negociações num mundo das possibilidades abertas e das virtualidades com que o desenvolvimento histórico desafia as capacidades de auto-afirmação das próprias escolhas (Marques, 2006, p. 41).

A autoafirmação das próprias escolhas, conforme argumentado por Marques, não deve ser considerada conclusiva, ou seja, essa expressão possibilita ao escritor validar suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos, crenças, desejos e opiniões dos outros, sem agredir ou violar os diferentes pensares. A escrita, na primeira pessoa, permite mostrar os conhecimentos e as empatias mediante uma comunicação aberta, honesta e viva. Assumir um escrito e assiná-lo são princípios da autoafirmação, do reconhecimento de seus direitos de autoria e da validação de seus sentimentos, que a escrita, ao ganhar o mundo, chegará ao “leitor que virtualmente seria você ou um outro, sempre a me espiar por cima dos ombros como um enigma que importava a cada momento decifrar” (Marques, 2006, p. 11).

A obra sempre aberta e constantemente retomada, e, até mesmo abandonada com despedida.

Apercebo-me, nesta altura, da necessidade de regressar a meus escritos anteriores, sobre a centralidade dos saberes nas questões atinentes à educação. Ao mais recente deles, em que tentei sintetizar os demais e de que me despedi há dois anos, dei o título de Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de Saberes (Marques, 2006, p. 26).

A obra *Escrever é preciso*, de Mario Osorio Marques, aborda a importância do ato de escrever como uma atividade criativa, reflexiva e essencial para o desenvolvimento do conhecimento acadêmico, e também aos saberes do mundo da vida, como ele sempre reafirmava. O mundo da vida é o espaço onde os sujeitos vivem, comunicam-se, ressignificam suas experiências e constroem sentidos, que fundamentam a textura e a fazedura da escrita, a qual provoca diálogos, consensos e dissensos, ou seja, a escrita se (trans)forma e transforma conhecimentos, saberes, opiniões e interesses humanos.

Para nós, comparsas deste mestre, essa obra representa nossas trajetória e viagens por algumas décadas, regadas pelos ensinamentos singulares, traçadas por uma outra visão sobre o ato de pesquisar, delineadas por novas dimensões filosóficas e subjetivas nos ritos da escrita, e mobilizadora de práticas, métodos, fazeres e saberes humanizados. Mario Osorio tinha uma aura de menino, um sorriso de aprendiz, uma sabedoria colossal e uma humildade freiriana, com “qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça” (Freire, 1987, p. 118). Esse era nosso mestre gigante.

O viajante compõe e recompõe seus itinerários à mercê das intencionalidades mudadas, dos encontros e desencontros, das emergências circunstanciais, dos loucos rompantes de um momento singular. A história que o conduz é também por ele conduzida. Quem fala ou quem escreve termina por ser conduzido pelo que expressa. Cada passo descortina os próximos, como um convite à liberdade de escolha (Marques, 2006, p. 42).

Somos viajadoras com diferentes itinerários, porém, com intencionalidades e ações que se cruzam nas fronteiras da pesquisa, como relação social argumentativa da escrita, como ato de criação e reflexão das nossas histórias como pesquisadoras-professoras, traçando nossas jornadas, nossas aventuras e nossos (re)encontros. Hoje, navegamos pelos escritos não apenas para registrar informações, mas, também, para falar de vida, de memórias e de itinerários que transcendem a visão utilitária da academia. Promovemos e provocamos que a escrita, em si, é um momento de aprendizado, de autoria e de comunicação das coisas do mundo e da humanidade.

Para Marques, escrever como função acadêmica é indispensável à pesquisa científica, pois não se faz o ato de pesquisar apenas como registro de descobertas, de ações e atividades de campo, mas como forma de organizar o pensamento que será comunicado. “Não pode o tema ser imposição alheia. Deve ele tornar-se paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador” (Marques, 2006, p. 94). Esse é um exercício, acolhido em nossas funções como professoras-orientadoras, que possibilita incentivar posturas de engajamento dos estudantes com seu objeto de estudo, com metodologias que aproximem o orientando das realidades de diferentes sujeitos, com respeito e ética, combatendo a visão mecânica acerca dos processos de investigação que, comumente, ainda ocorrem nos espaços acadêmicos, considerando que lidamos com gentes, com vidas, com problemas reais e com histórias singulares.

Nessa obra, a metáfora da navegação faz-se central e, como discípulas e comparsas de Mario Osorio, descobrimos que o ato de escrever é uma jornada em águas desconhecidas, profundas e em territórios incógnitos do pensamento que, a cada mergulho, nos faz compreender o mundo e a nós mesmas. Aprendemos que a escrita nos permitiu liberdade criativa, nos desvencilhou de fórmulas rígidas, nos mostrou que a imaginação e a aventura no ato de escrever permite que expressemos sobre nossas vidas nas vidas de outrem e, que outras vidas, histórias e experiências nos afetam para sermos seres humanos melhores. Assim, aprendemos que um texto não é apenas um produto do autor, mas um espaço compartilhado com o leitor, que atribui novos sentidos e significados às palavras, e que a escrita se transforma em diálogos, comunicações, ideias e novas conjecturas. Agora, professoras universitárias da UFSM e da Uneb, atuantes na Graduação e Pós-Graduação, e imersas nas realidades das escolas públicas de Educação Básica, reafirmamos que

Como nenhuma outra instituição, a universidade confere à pesquisa os necessários requisitos da validação/certificação social e da publicidade crítica. (...). E à universidade incumbe não só abrigar comunidades distintas de especialistas dedicados ao desenvolvimento de seus saberes próprios, mas levá-los a trabalhar nos horizontes da crescente complementaridade das ciências (Marques, 2006, p. 132).

Após quase 30 anos da publicação da obra *Escrever é preciso: princípios da pesquisa*, reiteramos que ainda nos deparamos com “sofrimentos e angústias dos condenados a dissertações de Mestrado ou teses de Doutorado” que, submetidos a grandes esforços, se arrastam sob prazos e ameaças acadêmicas. É uma realidade que

nos move a lutar por outras formas de fazer pesquisa e de escrever cientificamente, de forma mais humana, subjetiva, autoformativa e criativa, potenciais de ressonâncias aos pesquisadores iniciantes e à construção de conhecimentos que venham a se renovar e reconstruir realidades e esperanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ... SEM A PRETENSÃO DE CONCLUIR

Uma sensação muito viva e estranha: a de só agora ver a cara de meu filho ao mesmo tempo que dele me despeço; vê-lo cair na vida, ausentar-se entregue à indiscrição de quem não conheço, a destinos que fogem a meu controle (Marques, 2006, p. 28).

É difícil a tarefa de finalizar esta prosa, pois o legado, as memórias e as ensinanças de Mario Osorio são incomensuráveis. Sua obra *Escrever é preciso* continua viva. Seus filhos escritos ganharam o mundo, fugiram do seu controle como autor das inúmeras edições publicadas; então, agradecemos por se fazerem potencialmente presentes nas mais diferentes regiões, Estados, universidades e trajetórias de professores/as-pesquisadores/as. A sensação que fica para estas duas pesquisadoras e formadoras, atuantes em dois Estados do país – Bahia e Rio Grande do Sul – é a de que os destinos da obra, sobre a qual nosso gigante menciona ter perdido o controle, da mesma forma, em razão da mobilização de inúmeros(as) professores(as) pesquisadores(as), não nos permite sabermos sobre seus feitos e efeitos. Talvez essa sensação, incomensurável na educação de sujeitos que estão implicados nos nossos processos formativos, seja o legado que recebemos e que, num processo iniciático de pesquisa, mobilizamos com nossos orientados(as). Escrever é preciso para pensar. Escrever é preciso para argumentar. Escrever é preciso para pesquisar. Escrever é preciso para se autotransformar.

Hoje, saudosamente, rememoremos sua maneira instituinte de abordar problemas e processos educacionais, os quais ainda imobilizam nossos(as) estudantes no que se refere ao deleite de uma boa leitura, no ato da escrita vagamunda, na resolução de situações cotidianas, na pesquisa como relação social argumentativa e no respeito às subjetividades e singularidades de cada ser humano. Para qualquer uma destas situações a leitura é, também, a ampliação de repertórios. Repertórios desconhecidos, mas que possibilitam nossa presença diferenciada no mundo e nas respostas e alternativas que construímos na apresentação de outras possibilidades. Nesta direção, a inteligência artificial tem sido uma das nossas pautas na educação, para podermos avaliar suas possibilidades criativas e emancipatórias e, igualmente, seus efeitos nocivos e perversos, que demandam a leitura de pesquisas relevantes e de escritas rigorosas. Escrever é preciso, pesquisar é necessário.

Seus ensinamentos se fazem presentes em inúmeras dissertações, teses, artigos, componentes curriculares e nas práticas pedagógicas irreverentes de muitos professores/as-pesquisadores/as, e nós somos testemunhas vivas de seus (e)feitos. “Foi o tempo que dedicastes à tua rosa que o fez tão importante” (Saint-Exupéry, 2013).

Mestre, tua rosa floresceu, e suas pétalas se espalharam para tantos lugares, espaços e territórios, levando o perfume das suas obras e de sua sabedoria.

Professor Mario, lembraremos eternamente de seu sorriso e sua bondade, mas, acima de tudo, somos e seremos as mensageiras da sua grandiosidade como professor, pesquisador, orientador, autor e apaixonado pela escrita. Você nos ensinou a entender o ato de escrever como impulso vital, singular e criativo, superando os cânones da escrita crua, vazia, sem sentimentos e despida de subjetividades. Isso justifica nossa escrevivência, com a licença poética de nossa grande Conceição Evaristo (2005), delineada neste ensaio que, cruzada por laços afetivos, convívios respeitosos de diferentes saberes e parcerias na construção de novas descobertas e conhecimentos, rigorosidade com amorosidade, pesquisa como relação e compromisso social e ato de escrita com vida. Mario Osorio nos move e nos convida, o tempo todo, a proporcionarmos aos nossos estudantes pesquisadores, de todos os níveis de formação, que “importa escrever para buscar o que ler; importa ler para reescrever o que se escreveu e o que se leu. Antes o escrever, depois o ler para o reescrever. Isso é procurar; é aprender: atos em que o homem se recria de contínuo, sem se repetir. Isso é pesquisar” (Marques, 2006, p. 92).

Nas cartas que Lúcio Anneo Sêneca (2011) escreve à Lucílio encontramos uma inspiração no diálogo com a experiência de Marques com a leitura e a escrita. Sêneca, ao saudar o amigo Lucílio, na carta intitulada “Do ler e do escrever”, registra:

Não me afastei das minhas leituras por elas. Do ponto de vista, considero-as indispensáveis: primeiro, para evitar que me contente comigo mesmo; segundo, porque me permitem, após ter conhecimento das pesquisas dos outros, poder avaliar as descobertas já feitas e refletir sobre as que ainda estão por fazer. A leitura alimenta o espírito fatigado pelo estudo, sem contudo, deixá-lo de lado. Devemos evitar apenas escrever e apenas ler, pois se só escrevemos esgotaremos nossas forças (falo do trabalho de escritura), enquanto somente escrever fará com que se diluam. É necessário passar de um exercício para outro com justa medida, a fim de que a escritura organize tudo que foi recolhido na leitura (Sêneca, 2011, p. 80).

A obra que Sêneca intitula “Aprendendo a Viver”, traduzida do latim por Lúcia Rebello e Itanajara Neves, traz conselhos para que se valorize o dia, para que o ser humano tome as rédeas da vida e experimente a liberdade. Na praticidade registrada em suas cartas, são apresentados elementos epicuristas onde o destaque é para a sabedoria e a virtude, como meta da vida moral, nosso único bem como mortais. Esse legado, trazido nas cartas de Sêneca, remete ao tempo de 4 a. C. a 65 d. C. e, contemporaneamente, nos lembra do legado de nosso mestre sobre o tema e a necessidade da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. Paraíba, João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2002.
- MACHADO NETTO, Ana Maria. Pânico da folha em branco: para entender e superar o medo de escrever. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO NETTO, Ana Maria. *A bússola do escrever: princípios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 5. ed. Ijuí: Editora Unijuí; Brasília: Inep, 2006.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de; SILVA, Monique da. Em defesa do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação. In: FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.). *O sensível e a sensibilidade na pesquisa em educação*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2016.
- SAINT-EXÚPERY. *O pequeno príncipe*. São Paulo: Global Editora, 2017.
- SÊNECA, Lúcio Anneo. *Aprender a viver*. Cartas a Lucílio. Tradução Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

Autor correspondente:

Tania Hetkowski
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Salvador/BA, Brasil
hetkowskitania@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

